

Corporeísmo na Sociedade do Espetáculo: Diálogos Possíveis entre Michel Maffesoli e Guy Debord¹

Marco Antônio de Souza Laranjeira Ferraz²

Renata Pitombo Cidreira³

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB

RESUMO

Este resumo propõe uma reflexão sobre as performances corporais de influenciadoras digitais no contexto da economia criativa, com base no conceito de corporeísmo, elaborado por Michel Maffesoli, em diálogo crítico com a teoria da sociedade do espetáculo, de Guy Debord. A pesquisa busca compreender como o corpo, na contemporaneidade, retorna como eixo de sensibilidade e expressão, mas também se torna objeto de mercantilização simbólica, submetido à lógica do capitalismo.

PALAVRAS-CHAVE: corporeísmo; sociedade do espetáculo; estética; cultura.

Introdução

Corporeísmo é um termo proposto pelo professor Maffesoli para uma nova atitude e percepção relacionada ao corpo que retorna e ao mesmo tempo expira uma forma de se relacionar com o corpo própria da modernidade (Maffesoli, 2024). Essa noção parte do entendimento de que a modernidade foi um período marcado pelo racionalismo e, lembrando Foucault, o corpo só era legítimo se produzisse ou se reproduzisse. Contudo, na contemporaneidade, ou para utilizar as palavras do professor Maffesoli, na pós-modernidade, há uma transição de épocas, um novo momento, um movimento em direção ao sensualismo marcado por uma exaltação do sensível e do caráter qualitativo do corpo, “corpo que tem um valor em si mesmo” (Maffesoli, 2024, p. 18).

Para além da noção do racionalismo como elemento atravessador da percepção acerca do corpo na modernidade, Maffesoli (2024, p.18) também chama atenção para o entendimento apenas quantitativo do corpo como uma forma de lógica reducionista que passa por um “materialismo um tanto vulgar, que predominava numa espécie de marxização das mentes”, que pairava nessa época. Há ainda a pontuação (2024, p. 22) a respeito da crescente dependência das dimensões econômicas e políticas ao que o autor chama de “desenvolvimento festivo”.

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Comunicação e Moda, evento integrante da programação do 28º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 15 a 17 de maio de 2025.

² Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação do CAHL-UFRB, especialista em Gestão Empresarial e Marketing pela ESPM-SP, graduado em Publicidade e Propaganda pela Universidade Salvador, membro do grupo de pesquisa Corpo e Cultura e bolsista FAPESB. Email: marcoferraz260@gmail.com.

³ Professora Titular da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), doutora em Comunicação e Cultura Contemporâneas (UFBA), com Pós-doutorados em Sociologia (Paris V-Sorbonne) e em Comunicação e Artes (UBI), pitomboc@yahoo.com.br.

O pensamento de Maffesoli sobre o corpo na pós-modernidade nos leva a questionar em que medida as dimensões econômicas e políticas da contemporaneidade estão em relação de dependência com esse desenvolvimento festivo e em que medida esse espírito dionisíaco, que marca essa época supostamente sensualista em ascensão, está condicionada às questões da materialidade da economia política. Para tal fim, dialogaremos com Guy Debord, colocando em perspectiva crítica as relações entre corpo e a forma de organização capitalista da sociedade, considerando como recorte de análise a economia criativa das redes sociais, tendo a produção de conteúdo de influenciadoras digitais da cidade de Feira de Santana - BA como objeto.

Metodologia

Analisaremos o conteúdo publicado no *feed* no perfil do instagram de duas influenciadoras da cidade de Feira de Santana, do segmento da moda e do *lifestyle*, no período do primeiro trimestre de 2025. Os perfis analisados serão da influenciadora Beatriz Veloso (@bealveloso), com 35 mil seguidores e da influenciadora Jaqueline Santiago (@jaquesantiagof), com 96 mil seguidores. As influenciadoras foram escolhidas com base no seguimento, público e estilo de conteúdo.

A presente pesquisa ainda está em desenvolvimento e faz parte de um conjunto de reflexões que contribuem para a elaboração de um projeto de dissertação mais amplo. Para nosso debate, adotaremos uma abordagem multi-metodológica, articulando três procedimentos complementares para sustentar tanto a dimensão empírica quanto o aprofundamento teórico do objeto investigado. Em primeiro lugar, recorre-se à netnografia, conforme proposta por Kozinets (2014), como estratégia metodológica voltada à observação das práticas e performances corporais mediadas pela imagem em ambientes digitais, especialmente no contexto das redes sociais. Em segundo lugar, emprega-se a análise de signos em dois níveis, fundamentada nos estudos de Roland Barthes conforme citado por Stuart Hall (2016), com o intuito de desvelar os significados denotativos e conotativos das imagens produzidas pelas influenciadoras. Por fim, a pesquisa também se apoia em um levantamento bibliográfico que oferece suporte teórico-conceitual à investigação e à análise crítica do corpus, ancorando-se, principalmente, nos textos *Corporeísmos* de Maffesoli (2024) e *Sociedade do Espetáculo* de Debord (1997), cujos aportes são fundamentais para compreender as tensões entre corporeidade, sensibilidade e espetáculo.

Fundamentação teórica

Compreender as performances digitais das influenciadoras como fenômenos que expõem a dinâmica da relação com o corpo na pós-modernidade exige uma reflexão teórica que contemple tanto o lugar do corpo na sensibilidade contemporânea quanto os mecanismos de espetacularização da atual forma histórica do capitalismo. Para isso, partimos da reflexão de Michel Maffesoli, que propõe o conceito de corporeísmo como eixo de uma nova sensibilidade social, e Guy Debord, cuja crítica à sociedade do espetáculo nos permite analisar as implicações ideológicas que atravessam essa nova atitude perante o corpo.

Como já mencionado, para Maffesoli (2024), estamos vivendo um momento de transição do racionalismo da modernidade para um momento de sensualismo pós-moderno. A ideia de época sensualista em Maffesoli se expressa por um retorno ao hedonismo, de ênfase nas emoções e paixões comuns, o que contribui para uma estetização da existência. É nesse contexto que o autor aponta uma predominância do aspecto qualitativo da existência, em contraste com o aspecto quantitativo da modernidade, e é a isto que o autor chama de corporeísmo.

É importante ressaltar que o autor não minimiza a importância da razão, mas a desloca para um lugar que comporte a sensibilidade, contudo, é postulado que a repatriação do gozo e a recuperação dos elementos que passam pela emoção e pela essência é a tendência dessa época, uma abertura para o “*homo festivus* - não simplesmente o *homo faber*, o homem que trabalha” (Maffesoli, 2024, p. 21).

Embora Maffesoli proponha uma leitura um tanto otimista da sensibilidade contemporânea, marcada por esse retorno do corpo, das emoções e da vivência estética, consideramos que o tensionamento e a reflexão crítica dessa perspectiva a partir das determinações econômico-políticas que moldam as relações sociais na contemporaneidade, podem dar abertura a um modo de pensar de atitude fenomenológica, considerando as relações do cotidiano e a aparência como forma de acessar um objeto, mas sem abandonar totalmente a materialidade que precede a essência.

Se por um lado temos uma valorização do sensível, por outro, essa valorização se dá dentro de uma lógica capitalista que tende à mercantilização de tudo — inclusive do corpo. É nesse ponto que o pensamento de Guy Debord se torna fundamental para o nosso debate, ao oferecer uma leitura crítica da forma como o capitalismo reorganiza a vida social por meio da imagem e da espetacularização. Pensar com Debord nos permite

questionar em que medida esse corpo que retorna com tanta força na pós-modernidade está também atravessado pela lógica do espetáculo, e em que medida esse sensível exaltado é, na verdade, reconfigurado como objeto de consumo simbólico.

Como escrevera Muniz Sodré, “é verdade que as mídias e as propagandas têm mostrado como estratégias racionais não espontâneas podem instrumentalizar o sensível, manipulando os afetos” (2016, p. 11), e apesar do autor demonstrar que a maioria dessas estratégias se passam em condições não apreensíveis pela consciência, é possível postular que o próprio ambiente cultural, que tanto influencia o sensível, está intimamente conectado à lógica do capital. Por esse motivo a própria percepção e relação afetiva para com o corpo não deixa de tender a ser alienada e reificada.

Para Debord (1997), à medida que a necessidade passa a ser socialmente sonhada, o sonho, por sua vez, torna-se necessário. Nesse processo, aquilo que Baudrillard (2009) chamou de “o mais belo objeto de consumo” — o corpo — também se torna um sonho social, moldado por valores simbólicos e imagéticos que orientam o desejo. Sob essa ótica, o corpo não apenas retorna como centro da sensibilidade contemporânea, mas retorna condicionado por lógicas de visibilidade e consumo que integram o espetáculo capitalista.

Concordando com Debord, compreendemos que a alienação do sujeito diante do espetáculo se expressa justamente na identificação com as imagens dominantes. Ao reconhecer-se nessas imagens, o indivíduo nega a si mesmo, reproduzindo uma forma de existência alienada, em que os próprios desejos são mediados e reorganizados por aquilo que é visualmente valorizado e legitimado socialmente. É nesse contexto que observamos as performances corporais das influenciadoras digitais de Feira de Santana, cujas postagens revelam como o corpo é frequentemente acionado como signo de visibilidade e engajamento, funcionando simultaneamente como expressão sensível e mercadoria imagética.

Análise

As performances corporais das influenciadoras Beatriz Veloso (@beaveloso) e Jaqueline Santiago (@jaquesantiagof), observadas a partir das postagens realizadas no primeiro trimestre de 2025, evidenciam um tensionamento entre a valorização do sensível e a captura espetacular do corpo como mercadoria simbólica. Ambas atuam no segmento da moda e do lifestyle e produzem conteúdos que têm o corpo como objeto de centralidade.

Figura 1 – Captura de tela de perfis do Instagram.
Da esquerda para a direita: Jaqueline Santiago e Beatriz Veloso



Fonte: Instagram

Nas imagens analisadas, observam-se três momentos distintos das influenciadoras, todos centrados na apresentação do corpo em diferentes contextos. Na primeira imagem, à esquerda, Jaqueline exibe uma expressão descontraída, com leve sorriso e postura relaxada. Na imagem central ela posa de pé, a postura é ereta e posada, com uma das mãos na cintura e a outra no cabelo, sua gestualidade sugere autenticidade, confiança e empoderamento.

Já na terceira imagem, à direita, Beatriz Veloso está sentada dentro de uma academia, sua postura é lateralizada, com o tronco levemente inclinado e os braços abertos, sua expressão facial e sua gestualidade transmitem alegria e o amor pelo ambiente e atividade praticada. Em todas as imagens, o corpo ocupa posição central na composição visual e a performance, especialmente em sua dimensão gestual, é o eixo norteador, mas não o único, da afetividade provocada pelas imagens.

A leitura conotativa das imagens revela que, embora o corpo apareça como signo de autenticidade, bem-estar e empoderamento, sua exposição está profundamente atravessada pela lógica do espetáculo. A performance do cotidiano — seja no gesto descontraído diante de um sorvete, na pose firme em um espaço decorado ou na expressão de alegria em um ambiente de treino — é moldada para ser vista, consumida e o corpo atua como suporte tanto de produtos, quanto do ideal do corpo *fit*. O corpo, aqui, não é apenas vivido, mas também é encenado; à medida em que aparece, ele é produzido, é sentido, mas também projetado para atender aos algoritmos das redes sociais e às expectativas do público e do mercado.

Conclusão

A análise das performances corporais de influenciadoras digitais permite perceber que o retorno do corpo, tal como sugerido por Maffesoli, de fato expressa uma sensibilidade contemporânea marcada pelo estético, pelo sensível e pela valorização do vivido. No entanto, ao colocarmos essa perspectiva em diálogo com a crítica de Debord, observamos que essa presença sensível não se dá em um campo neutro. O corpo que aparece nas redes é, ao mesmo tempo, vivido e projetado; sensível e calculado; expressão e produto. O que se manifesta como autenticidade pode estar atravessado por exigências de mercado, algoritmos e demandas simbólicas que reconfiguram o sensível dentro de uma lógica espetacular. Assim, mais do que concordar com a leitura do professor Maffesoli, buscamos pensá-la e articulá-la criticamente: o corpo que retorna como valor em si também é, muitas vezes, atravessado e espetacularizado como um valor de troca.

REFERÊNCIAS

- BAUDRILLARD, Jean. **A Sociedade de Consumo**. 1a Edição. Lisboa: Edições 70, 2009.
- DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo**. 1a Edição. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- HALL, Stuart. **Cultura e Representação**. Ed. PUC - Rio. Rio de Janeiro: Editora Apicuri, 2016.
- KOZINETS, Robert. V.. **Netnografia: Realizando pesquisa etnográfica online**. Porto Alegre: Penso, 2014.
- MAFFESOLI, Michel. Corporeísmo. In: VIEIRA, Gina Rocha Reis; LEAHY, Renata Costa; CIDREIRA, Renata Pitombo (org.). **Politeísmos corporais: aparência, arte e ativismo**. Salvador: EDUFBA, 2024. p. 15-23.
- SODRÉ, Muniz. **As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política**. 2a Edição. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016.